

NAS PAREDES DAS CABINES DOS BANHEIROS PÚBLICOS MASCULINOS: SOCIABILIDADE DO PRAZER AO ÓDIO

LUIZ AUGUSTO FONSECA DUARTE JUNIOR¹; JULIANA DOS SANTOS
NUNES²; LOUISE PRADO ALFONSO³

¹Universidade Federal de Pelotas – luizjuniobio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – rodaviva.nunes@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - louise_alfonso@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma discussão sobre as mais variadas formas de expressão e comunicação dentro dos banheiros públicos masculinos, a partir de referenciais teóricos e metodológicos da antropologia. Este debate foi iniciado pelo projeto de extensão *Mapeando a noite: o universo travesti*, porém a pesquisa seguiu no âmbito do projeto de pesquisa *Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas*. Este texto procura apresentar alguns primeiros resultados da pesquisa sobre *grafitos* em banheiros públicos.

Embora a comunicação digital tenha extrema importância nos dias de hoje, os banheiros públicos nunca perderam sua autenticidade em relação à comunicação formal e informal entre as pessoas. Os *grafitos* encontrados nas cabines dos sanitários mostram a comunicação entre pessoas anônimas, porém em interação através de diálogos ou agendamento de encontros. Paredes e portas se tornam, dessa maneira, uma ferramenta para formação de uma rede de contatos homoeróticos e afetivos.

Neste sentido, podemos perceber que, apesar do uso intenso das redes sociais e da chamada era digital, a forma “analógica” de se marcar encontros ainda é muito utilizada, em especial, em vários espaços geograficamente localizados no município, como é o caso dos banheiros da Universidade Federal de Pelotas e da Rodoviária Municipal.

O banheiro, neste caso, é uma forma de burlar a repressão sobre a comunidade LGBT, suas predileções sexuais, seu corpo e suas formas de interação com outros corpos dentro de uma sociedade preconceituosa e conservadora.

Como afirma Ferreira Damião (2009): “a existência de normas e a repressão sobre a manipulação do corpo fazem do banheiro público um local de transgressão, de ruptura e de liberdade”, ou seja, é uma territorialização do corpo e do desejo erótico a partir das manifestações escritas e artísticas dentro de um espaço público reservado.

Dentro da história do corpo e da higiene, os banhos públicos em saunas, banheiros ou quartos reservados, mostram um cuidado com as “vergonhas”, contudo esse zelo também guarda as suas ambiguidades, pois foram esses locais os mais propensos para o desvelamento do amor erótico.

Ao pensar a contemporaneidade, a qual conta com diversas ferramentas de comunicação, pode-se perceber uma vigilância ou certo moralismo sobre as práticas sexuais e aquilo que se faz com o próprio corpo, levando o banheiro a ser o protagonista da liberdade de expressão *sexualizante* de rostos anônimos.

2. METODOLOGIA

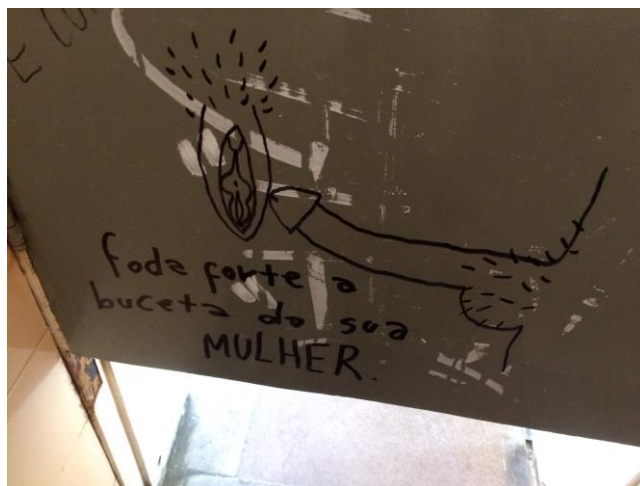
A metodologia aplicada foi o levantamento de imagens em um conjunto de banheiros da Universidade Federal de Pelotas e da Rodoviária, a partir da

fotografia dos *grafitos*, usando apenas o celular, no modo silencioso. Não houve entrevista ou diálogo com os usuários desses espaços, considerando que o objeto desse ensaio é justamente pensar as comunicações, expressões artísticas desses homens. O método etnográfico foi o instrumento para a realização desse ensaio, especialmente a “etnografia flutuante”, ao considerar não somente a ausência, no sentido presencial, desses interlocutores e colaboradores, mas a postura de *flâneur* do pesquisador ao adentrar nos banheiros tendo como objetivo de “passear” entre os grafitos (NUNES, 2017). Consideramos, para o caso em questão, que os *grafitos* constituem os colaboradores da pesquisa, pensando numa relação que flutua, vagando entre os variados escritos: “consiste em permanecer vago e disponível em toda a circunstância, em não mobilizar a atenção.” (PÉTONNET, 2008).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebemos, assim como apresentado anteriormente, que os banheiros são locais de liberação do corpo e seus usos, bem como um local para territorialidade do desejo erótico e homoafetivo através do agendamento de encontros, discussões sobre a vida desses personagens e seus gostos.

Assim, o banheiro cumpre um papel que vai além da necessidade fisiológica, em se tratando desses espaços públicos, que se cruzam com a privacidade do grafito na cabine reservada, pois nesse espaço é possível perceber a liberdade de expressão de sexualidade e desejo, daquilo de flui do corpo social, conforme as imagens exibidas abaixo, onde fica nítida essa territorialidade sexual por meio de escritos, desenhos e desabafos:





Sendo assim, esse espaço mostra-se como uma possibilidade expressiva para as intimidades dos corpos sociais da cidade, um eco para as inquietações, sensibilidades, indo além de um ato de vandalismo, como explicita Otta & Teixeira (1998).

Na maioria dos banheiros visitados, números de celular e emails se faziam presentes, de forma marcante, pois são elementos de extrema importância para essa comunicação entre os homens que ali frequentam, com a intenção do ato sexual. Nas cabines da rodoviária, o diálogo se dá por troca de mensagens escritas nas paredes e portas, os frequentadores marcam por ali mesmo os encontros ou até trocas de farpas.

Pudemos perceber também a sobreposição de *grafitos*, o que evidencia um diálogo entre as pessoas em diferentes temporalidades. Como exemplo, citamos um primeiro grafito que diz: *“Procurro homens de preferência negos, mais velhos e ativos....sexo real”*. Na sequência, outra pessoa respondeu: *“Sou nego, 184 de alt, 21 cm de pica...vc toma gala?”* O primeiro segue o diálogo: *“até a última gota...vem que to te esperando...me chama no zap xxxxx4556”*. O segundo dando sequência: *“vou te chama no zap sua putinha”*. Por fim, o primeiro finaliza a conversa com a seguinte informação: *“<3”*. A despreocupação com a ortografia é notável entre eles, dado evidenciado em quase todas as cabines da Rodoviária, diferentemente dos banheiros da universidade, onde a escrita correta é uma constante.

O uso de canetas esferográficas de várias cores foi evidenciado em todas as cabines. Além do uso de canetas de tintas coloridas, tinta guache e, até mesmo, batom e lápis de olho foram encontrados. Além dos grafitos em busca de sexo e encontros, também se fazem presentes nesses diálogos manifestações de ódio e preconceito. Segue diálogo encontrado no banheiro de um dos prédios da Universidade: *“Se você for homem discreto e tiver afim de um sexo gostoso e prazeroso, pois deixe aqui seu whats”*. Com a seguinte resposta: *“SEU VIADO DE MERDA... AQUI É LUGAR DE MACHO E NÃO DE FRESCO. SEU EU TE ENCONTRAR, VOU TE ENCHER A PORRADA”*. Na sequência, uma terceira pessoa entra na conversa: *“ VÊI TEMOS QUE MATA ESSES PUTÃO. VAMO DESCOBRI ESSA MARICA E FUDE ELE A SOCO”*. Destacamos que essas frases foram escritas em letras maiúsculas neste texto, pois assim constam no banheiro. Essas demonstrações de violência no ambiente universitário nos fazem pensar sobre o papel da Universidade na luta contra a LGBTfobia, sobre a importância de políticas voltadas para o acolhimento das comunidades LGBT.

4. CONCLUSÕES

Estes foram alguns primeiros resultados evidenciados pela pesquisa. Os banheiros públicos estão longe de serem locais usados apenas com a finalidade de atender necessidades fisiológicas, são espaços de sociabilidade e comunicação entre pessoas de diferentes classes sociais, etnias e formas de vivenciar o mundo, que se aproximam, em sua maioria, para a prática de sexo e encontros casuais, expressando dessa maneira o desejo erótico e homoafetivo.

O número de adeptos das cabines como ferramenta voltada para encontros é significativo e constante, pudemos notar a intensidade dos *grafitos*, mesmo em banheiros recém pintados.

Também destacamos a evidência da violência, em especial dentro da universidade, nos fazendo pensar que nem dentro de um espaço acadêmico, as comunidades LBGTs estão a salvo da violência, verbal ou física.

É importante compreendermos esses espaços a partir das ferramentas da Antropologia, para entendermos as dinâmicas de ocupação do espaço pelos LBGTs na cidade. Para a Antropologia a cidade é construída por suas/seus moradores no cotidiano, portanto, está em constante transformação e construção (AGIER, 2015). Entendermos como essas comunidades LBGT habitam a cidade, como a constroem a partir de suas dinâmicas, pode ser uma ferramenta interessante para a inclusão destes grupos e para a luta contra a LBGTFOBIA.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer cidade. O antropólogo a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v.21, n. 3, 2015.

NUNES, Juliana dos Santos Nunes. Banheiro Público, Grafito Privado: um olhar antropológico sobre as inscrições de banheiros públicos femininos. **Anais 3ª Semana Integrada Ufpel**, XXVI Congresso de Iniciação Científica, Pelotas, 2017.

SANTOS, Ludmila Helena Rodrigues dos Santos. Triste Sina de Ser Poeta de Latrina. 2012, **Dissertação** – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos. Capítulo I.

OTTA, Ema; TEIXEIRA, Renata Plaza. Grafitos de banheiro: um estudo de diferenças de gênero. **Estudos de Psicologia**. Natal, v.3, n. 2, p. 229-250, 1998.

PÉTONNET, Colette. Observação Flutuante: O exemplo de um cemitério parisiense. Antropolítica, **Revista Contemporânea de Antropologia**, Universidade Federal Fluminense. Niterói, n. 25, 2º sem. p. 99-111, 2008.

FERREIRA DAMIÃO, Natália; PLAZA TEIXEIRA, Renata. Grafitos de banheiro e diferenças de gênero: o que os banheiros têm a dizer?. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 2, 2009.